

**MORAL E CONSCIÊNCIA EM *JEREMIAS, HEROI*
DE OSCAR VON PFUHL**

Cláudia de Andrade Souto (UNIMONTES)

claudiaasouto@gmail.com

Osmar Pereira Oliva (UNIMONTES)

Jeremias: – Eu sou Jeremordes, o novo chefe! Assumo o Governo neste instante. Nosso país não é mais Cinzelândia. Somos agora o País do Arco-Íris. E todos têm de acreditar em cores. Todos! Quem não acreditar eu prendo, eu arrebento!... (PFUHL, 1981, p. 62)

RESUMO

A poética de Oscar von Pfuhl assume-se como texto artístico, capaz de atingir também as crianças, constituindo-se como um modo de conhecimento, ampliando e reformulando a percepção do leitor de qualquer idade. Ela dilui os limites do lúdico e do imaginário uma vez que apresenta reflexões político-sociais e éticas que certamente refletem na formação do seu leitor ou espectador. Este ensaio teve como objetivo discutir sobre elementos estruturadores de *Jeremias, heroi* que levam ao desenvolvimento da moral e da consciência nessa dramaturgia. Metodologia: concepções de literatura infanto-juvenil de Neuza Ceciliato em “Golpe militar e resistência: a representação do povo na narrativa infantil de 1970.”, Fúlvia Rosemberg em *Literatura infantil e ideologia* e Marco Camarotti em *A linguagem no teatro infantil*. Conclusões: Seu texto, voltado especificamente para representar uma ação, é um veículo embutido de um pedagogismo que traz reflexões sobre a ética e a moral.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Teatro. Moral. Consciência.

Oscar von Pfuhl (1903-1986), médico e dramaturgo carioca, exerceu sua atividade de escritor teatral na cidade de Santos, São Paulo. Seus textos dramáticos infanto-juvenis, publicados durante os anos 60 e 70, período este em que o Brasil vivia sob o regime militar, surpreendem por

questionarem crítica e abertamente temas antes impensáveis para seu público, como o autoritarismo, o obscurantismo, a repressão, a falta de liberdade, de democracia e de respeito ao próximo, ilustrados claramente em *Jeremias, Herói*, escrito em 1966. Essa peça de teatro foi encenada pela primeira vez em Santos (SP), vinte anos após sua primeira publicação, “(...) estreando em 1º de março de 1986, com um elenco de alunos do SESC-Santos, sob a direção de Neyde Veneziano.” (PFUHL, 1996, s. p.). Coincidentemente, 1986 é o ano do falecimento de Pfuhl e ano seguinte ao encerramento da ditadura militar.

Na dedicatória de *Jeremias, Herói*, Pfuhl reverencia “a todos aqueles que desagradaram déspotas com suas ideias ou ações, e por isso vieram a sofrer perseguições ou perda de seus bens mais preciosos: a liberdade e a vida” (PFUHL, 1996, s. p.), confirmando seu repúdio à submissão, à injustiça, ao medo, ao sofrimento gerados pela prepotência de ditadores. Podemos afirmar que Pfuhl percebe no público infanto-juvenil uma alternativa de resistência e questionamento, o que é negado em muitas produções destinadas a esse leitor. Regina Zilberman e Ligia Magalhães, em *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*, ratificam essa negação: “ao invés de abrir para as crianças possibilidades de resistência, de recriação da realidade, muitos livros acabam apresentando um discurso conformista que reforça os papéis sociais já consagrados.” (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987, p. 54).

Segundo Fúlvia Rosemberg, em *Literatura Infantil e Ideologia* (1985), o estudo das discriminações contra grupos oprimidos apresenta-se como um dos temas mais intensamente discutidos no campo da literatura infanto-juvenil. Existe, assim, uma ideologia nas entrelinhas do texto que luta contra toda repressão, difundindo uma moral, ensinando e conscientizando. E a literatura infanto-juvenil de Oscar von Pfuhl assume-se como texto artístico, capaz de atingir também as crianças, constituindo-se como um modo de conhecimento, ampliando, reformulando a percepção do leitor de qualquer idade. Ela dilui os limites do lúdico e do imaginário uma vez que apresenta reflexões político-sociais e éticas que certamente refletem na formação do seu leitor ou espectador. E nesse texto dramaturgico, temos um conflito experienciado pelos personagens, cujos textos são veículos embutidos de um pedagogismo que traz reflexões sobre a ética e a moral.

Dentre alguns problemas relacionados ao teatro, citados por Marco Camarotti em *A Linguagem no Teatro Infantil*, está “o descaso que normalmente os adultos apresentam em relação à inteligência e capaci-

dade crítica da criança e à importância de um teatro a ela destinado.” (CAMAROTTI, 1984, p. 16). E na dramaturgia de Pfuhl encontramos uma poética comprometida com o respeito ao seu público ao ilustrar situações vividas pelo seu povo, que além dos aspectos negativos característicos do regime militar, denuncia o desrespeito ao índio, a posse e o uso da terra, a exploração e a destruição das florestas. São ensinamentos que levam à conscientização sobre situações reais enfrentadas por nossa sociedade e ao desenvolvimento de uma postura crítica, não subestimando o potencial do seu leitor infantojuvenil.

Corroborando com essa linha de pensamento, Neuza Ceciliato em “Golpe militar e resistência: a representação do povo na narrativa infantil de 1970” afirma:

São textos que partem do compromisso de crítica social, mas inovam pela incorporação da alegoria como forma de representação da realidade e da utilização da linguagem coloquial, configurando-se como uma denúncia velada, uma forma de resistência que, num nível mais profundo, promove “a conscientização dos leitores sobre os significados presentes na vida em sociedade e [leva-os] a se posicionarem criticamente diante da realidade.” (CECILIANO, 2006, p. 156).

A censura imposta pela ditadura militar no Brasil (1964-1985) não só condenou os que representavam alguma ameaça política. Reprovou a imprensa, a televisão, dentre outros, e se estendeu também a outros canais de informação, especialmente às artes. Vigiou escritores brasileiros, incluindo aqueles que, assim como os músicos, atentavam contra os padrões morais daquela época. Segundo Nely Novaes Coelho, em *Dicionário Crítico de Escritores Brasileiros*, a literatura infantil era vista então como não ameaçadora, “como gênero menor, sem maiores perigos, coisa de mulher e, portanto, não era alvo do olhar incisivo dos censores.” (COELHO, 2002, p. 45). Ela pode manifestar-se assim com liberdade, despontando-se como um dos poucos canais de expressão e foi uma das vozes contra aquele governo repressor.

O processo de construção literária do nosso dramaturgo procura trazer para o público infanto-juvenil a “inexistência de heróis e vilões clássicos, dando a entender que a luta do Homem se faz em favor da transformação das forças agressivas e destruidoras, existentes dentro e fora da alma humana, em impulsos construtivos.” (PFUHL, 1996, s. p.). A insatisfação e objeção a esse sistema estão refletidos em *Jeremias, herói*, obra de cunho político e moralizante, com explosões de gritos à liberdade:

A aversão às formas mais brilhantes de energia luminosa (cores) indica a preferência pelos ambientes sombrios ou contrastados, onde o autoritarismo estimula o culto à personalidade, a obediência total e a falta de autocrítica. Coisas que por sua vez formam indivíduos ou pusilânimes ou cheios de exibicionismo sádico, como os guardas Jeremias e Plutão. Neles se acumulam tensões e revoltas mal dissimuladas, que explodem no final. (PFUHL, 1996, s. p.).

Nas “Sugestões do autor” dessa peça teatral, há a indicação de cores para as roupas dos personagens, que espelham o perfil de cada um e buscam prestigiar as cores do arco-íris. Percebemos que, desde o início da escrita desse texto, há oposição à vida sombria imposta pelo chefe daquele país chamado Cinzelândia. O autor, porém, dá plena liberdade de escolha aos tons que serão usados. Mas a cor roxa (cor das paixões violentas) de Jeremias faz parte do texto e é fixa.

(...) Chicobé é um pobre funcionário público que espera melhorar suas condições financeiras. Usará então o amarelo. Rosa, moça tímida, merece o vermelho revolucionário porque possui a mais bela das coragens: a coragem cívica, que a faz contrariar as proibições e ensinar a verdade das cores às crianças, pondo em risco conscientemente sua liberdade. Galatéa é o traço de união entre rosa e Chicobé, ela os aproxima e isso os faz se apaixonarem: a união do vermelho ao amarelo dá o laranja. Quanto ao verde, onde ficaria melhor senão na camisa do chefe nacional? E o azul sobra para Plutão, psicologicamente um bebê masculino que ainda tem muito a aprender da vida. (PFUHL, 1996, s. p.).

O Brasil, governado até então por militares desde 1964, quando ocorreu o golpe de Estado, teve o regime militar enfraquecido e, no governo de João Figueiredo (1979-1985), o país passou para os civis, após anos de frustração. Em 1985, Tancredo Neves foi eleito pelo Colégio Eleitoral com 480 votos contra 180 de Paulo Maluf, que representava a ditadura. Em 21 de abril de 1985, Tancredo falece aos 75 anos de idade, e José Sarney tornou-se presidente por tempo definitivo. Mudanças viriam durante o processo de redemocratização. As primeiras delas vieram em 8 de maio de 1985, quando foi aprovada a emenda constitucional que estabeleceu eleições diretas para presidente, prefeito e governador. Os analfabetos tiveram pela primeira vez o direito ao voto na história brasileira, e os partidos comunistas foram legalizados.

A narrativa infantil, em tom de protesto em *Jeremias, herói*, foi encenada pela primeira vez em 1986, expressando o inconformismo com a realidade político-econômica instaurada pelo regime militar. Atores dramatizaram a queda da ditadura no país Cinzelândia que refletia também o fim do regime militar brasileiro e novas conquistas.

Com a queda das cores cinza, branca e preta, impostas naquele país, reinariam o amarelo, que traria otimismo, alegria e riqueza (ouro); o vermelho, que simboliza a paixão, a força, a energia; o laranja, mistura do amarelo e vermelho, significaria o equilíbrio, a criatividade, o entusiasmo. O verde, cor indicada para a cor da camiseta do chefe nacional, seria o símbolo da nossa natureza, do nosso país, da fertilidade, do desenvolvimento, da esperança. O azul remete à harmonia, à saúde e à liberdade. Cores que mudariam o contexto daquele território chamado Cinzelândia.

Jeremias, Herói narra a história de um país onde tudo é obscuro. O tempo descrito no texto é a atualidade, o que sempre nos remete a uma crítica que pode ser projetada à sociedade da época na qual o texto é lido, em uma literatura sempre contemporânea. Seu chefe, ditador e autoritário, permite que as pessoas usem apenas o branco, o cinza e o preto, porque pretende homogeneizar tudo, diluir as diferenças e assim “uniformizar” as pessoas, para melhor controlá-las. Essas cores também estão presentes no cenário da praça central de uma estranha cidade, capital daquele país:

CHICOBÉ – (...) Sabem, há pouco tempo voltei de um país vizinho nosso. Um lugar muito esquisito, as casas, as ruas, as roupas das pessoas, era tudo cinzento, ou então preto e branco. Por isso esse país se chamava Cinzelândia. Lá eu quis vender os meus balões, mas os garotos quando me viam fugiam correndo. (PFUHL, 1996, p.13).

A cor cinzenta ou gris, de acordo com o *Dicionário de Símbolos*,

composta, em partes iguais, de preto e de branco (...) é a cor da cinza e da bruma. Os hebreus se cobriam de cinza para exprimir uma intensa dor. Entre nós, o gris-cinza é uma cor de luto aliviado. A grisalha de certos tempos brumosos dá uma impressão de tristeza, de melancolia, de enfado. É o que se chama de um tempo gris. (CHEVALIER; GUEERBRANT, 1990, p. 248).

A cor cinza pode, assim, gerar sentimentos negativos; densas e escuras nuvens cinzas, o nevoeiro, a fumaça. No país Cinzelândia, assim como no Brasil na época da ditadura, temos um contexto político nublado, cinzento. No Brasil era vetada a liberdade de imprensa e havia conseqüentes punições severas aos infratores. No país da nossa ficção, todos eram vigiados, monitorados. Além do cinza, as únicas cores permitidas eram o preto, que dentre outros significados remete ao poder (do chefe daquele país), ao medo e submissão a ele e o branco, que revela a pureza, a inocência, a reverência, a rendição de seus cidadãos.

Chicobé assusta-se com a reação das crianças e não entende nada. Chega até a Praça da Obediência, onde encontra Galatéa. Tenta vender-lhe suas bexigas de borracha, mas a moça se nega a comprá-las, afirmando que as cores eram proibidas. Jeremias, guarda que protege aquela nação contra espíões, quando convocado pelo chefe para conversar com ele, tem que se dirigir à uma câmara: “CHEFE (*muito zangado*) – Pare aí onde está, já estou vendo você, seu boboca. Você não passa de um jerico molenga e incompetente”. (PFUHL, 1996, p. 18).

O chefe desse país é um tirano que controla a vida dos cidadãos através de câmeras, alto-falantes e aparelhos de televisão, e ordena seus guardas Jeremias e Plutão. Nesse país existe também uma Guarda Especial. Sempre irritado e desconfiado, despreza e humilha seus soldados. Ameaça mandar Jeremias para longe, na fronteira. Jeremias implora não quer ficar longe de Candinha e de seus cinco filhos.

Galatéa, uma extraterrestre, que veio à Terra com a missão de libertar a professora Rosa, que fora presa por ensinar a teoria das cores às crianças, explica a Jeremias que é de outra galáxia. Ele não percebe que ela era uma espia. Plutão, à procura de Jeremias, grita seu nome, e é condenado pelo chefe. Naquele país somente ele podia gritar. Exigia obediência, disciplina, ordem e, em horário marcado, a seguinte exortação, com sua fotografia colocada sobre o peito: “PLUTÃO E JEREMIAS – Chefe! Que o céu vos ilumine! E vos faça proteger nossa vida, nossa família, nossa saúde! E que vos conserve como nosso Guia e nosso Protetor por muitos e muitos anos!” (PFUHL, 1996, p. 23).

Essa literatura, produzida por adultos e destinada à crianças e adolescentes, ilustra o chefe, sua política governamental e seu povo que, submisso e obediente, vive preso àquele sistema. Nessa perspectiva maniqueísta, entre o bem e o mal, o responsável pela opressão e obscurantismo deve ser vencido, para que reine a liberdade e a felicidade. A criança leitora percebe a proibição, a submissão e o medo sob os quais vivem as crianças e adultos e é conscientizada que ninguém pode ser explorado dessa forma. Humilhação, separação entre Jeremias e sua família como castigo, o que nos remete ao exílio, a prisão da professora Rosa por quebrar regras governamentais de não se ensinar as cores (elas são bruxaria, feitiçaria), a falta de democracia, tudo espelha o regime militar vivido pelo Brasil. Além de jornalistas dessa época, cineastas, atores, cantores e escritores também foram perseguidos, presos e muitos tiveram que recorrer ao exílio para garantir que continuariam vivos. O texto parece uma metáfora da vida. O leitor apreende as consequências negativas desse sis-

tema e pode idealizar um planeta como o de Galatéia, onde não há guerras e todos são amigos...

Outro aspecto abordado é a exortação ao chefe, que assume o papel de grande protetor, quase um Deus de seu povo, que sempre leva consigo uma foto de quem os guiará por muitos anos. Plutão diz detestar o retrato do chefe e Jeremias ter raiva dele. A insatisfação dos cidadãos é manifestada e questionamentos começam a ser feitos por Chicobé, quando é informado que com o chefe não há discussão, somente ele tem razão e pode gritar. País Cinzelândia, Praça da Obediência, Avenida Disciplinar, turistas que não são apreciados, cidadãos assalariados, sem renda necessária para uma declaração de impostos... Ele se vê em perigo e resolve deixar aquele lugar.

Galatéia, então, o convence a ficar para ajudá-la a libertar a professora Rosa que, além de ter sido presa, teve seu nome trocado por Branca. Assim, a professora, na sua missão de ensinar, transmitir conhecimentos e orientar, com o nome da flor rosa, formosa por sua beleza, sua forma e seu perfume, um dos símbolos do amor, do amor puro, que influencia os nossos sentimentos, convertendo-os em amáveis, suaves e profundos, se chamaria Branca, e perderia o romantismo, a ternura, a ingenuidade, a suavidade, a pureza e a delicadeza manifestadas pela cor rosa. Roubavam dela o direito de ensinar a verdade sobre as cores, exigiam a submissão a um nome imposto e a alienação e obediência à ideologia do chefe.

A poética de Pfuhl também traz ensinamentos sobre reações à imposições, descontentamento e conseqüente luta pela liberdade. Denuncia também o controle do sistema educacional e financeiro daquele país, maiores armas de poder de uma nação. O leitor ou espectador dessa peça percebe claramente esses apontamentos e reflete sobre os mesmos, em um processo de conscientização político-social.

O maravilhoso e o lúdico, como nos contos de fada, também compõem o universo infantil de Oscar von Pfuhl. Sua literatura destina-se a dar prazer, uma espécie de jogo, que desperta emoções, distrai, comove, alegra. Com seu poder de ficar invisível e ajuda de Chicobé, a extraterrestre Galatéia executa seu plano e consegue libertar Rosa, que no ofício de professora, luta contra a proibição do ensino das cores, em uma metáfora à luta pela liberdade. Ela rompe com os padrões estabelecidos naquele país, não aceitando passivamente as restrições e proibições impostas pela ditadura.

Galatéa, inteligente e corajosa como a professora Rosa, interfere novamente na ação dessa dramaturgia ao convencer Jeremias, que só reclamava de dores físicas e se via como grande vítima e sofredor, a ter coragem para enfrentar seus problemas e a ter uma postura mais ativa. Aponta mentiras que ensinam naquele país, dentre elas, a questão das cores serem feitiçaria. E com o disco de Newton da professora Rosa em mãos, Galatéa pede a Jeremias que o gire com força. Ela então faz o disco parar e as cores aparecem vivas. Ela explica-lhe que não se tratava de bruxaria, mas algo natural. Jeremias conscientiza-se totalmente da mentira...

Além de ter sempre sido enganado, todos sempre mandaram nele: o chefe, a Candinha, Plutão. E diz ser um frouxo, molenga, um coitado, um... Galatéa percebe que ele não sabe definir-se e completa: “– Você é cinzento, Jerelates. Porque sua luz é cinzenta. Mas a luz é uma vibração, uma energia. E se você vibrar diferente, você também ficará diferente...” (PFUHL, 1996, p. 57). Galatéa orienta Jeremias a liberar toda sua energia, toda sua indignação. Essa personagem questionadora, com sua postura crítica e esclarecedora, leva Jeremias a vencer sua própria ignorância e lutar por mudanças. A conhecer seu interior e seu poder de questionar e mudar sua postura submissa. Ele então invade o palácio do chefe, que foge gritando por socorro. O país Cinzelândia não mais existe. Jeremias, ex-guarda cinzento jerico, vibrou e ficou roxo de raiva decidindo que não seria mais um frouxo. No seu processo de conscientização deixou de ser JereMIAS para ser JereLATES, e quis AU, AU, AUmento. Tornou-se JereMORDES e é o novo chefe de seu País do Arco-Íris. Viveriam agora em uma nova nação, colorida pelo amarelo, vermelho, azul, verde, laranja, violeta... livres! Várias cores em oposição ao ambiente sombrio, triste, controlador, cinzento.

Com o auxílio, otimismo e seriedade de Galatéa, Jeremias libertou-se da opressão em que vivia. “GALATÉA (*com segurança*) – Vai. Vai dar certo sim, se todos participarem. Não deixem os guardas sozinhos, juntem-se a eles, vocês todos, o povo todo.” (PFUHL, 1996, p. 62). Chicobé questiona como se faz isso, e Galatéa prontamente responde que pelo começo, “mostrando primeiro quem nós somos por dentro.” (PFUHL, 1996, p. 57). E nas instruções da rubrica final, até o chefe retira sua japona, mostrando, juntamente com Plutão, uma camiseta de cor viva.

Iniciam, assim, um trabalho revolucionário e democrático. “GALATÉA (*gritando*) – E agora cantemos juntos a Canção o Arco-íris, que

é um hino à liberdade.” (PFUHL, 1996, p. 62). Finalmente, a missão de libertar a professora Rosa é cumprida e Galatéia faz ainda muito mais. Tem um grande discípulo. Conscientiza e transforma o jerico Jeremias em Jeremordes. Ele não se contentou em ser Jerelates (“Cão que ladra não morde”, já dizia o ditado popular). Passou a ser um herói.

Apreciadores dessa dramaturgia, independente da idade, certamente assimilam seus questionamentos de cunho político-social, voltados à liberdade e cidadania, principalmente no que se refere à reivindicação de direitos e na participação do povo na construção de sua nação. Concluímos este ensaio confirmando que, através da diversão e reflexão, a consciência e a ética são elementos que estruturam essa peça de dramaturgia infantil, cumprindo sua tarefa de instruir e moralizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMAROTTI, Marco. *A linguagem no teatro infantil*. São Paulo: Loyola, 1984.

CECILIANO, Neuza. Golpe militar e resistência: a representação do povo na narrativa infantil de 1970. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p. 153-168.

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

COELHO, Nely Novaes. *Dicionário crítico de escritores brasileiros*. São Paulo: Escrituras, 2002.

PFUHL, Oscar von. *Jeremias, herói*. 2. ed. São Paulo: Global, 1996.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.